

PUBLIQUE-SE E
DISTRIBUA-SE

20/31 01 104

Paulo Rocha



VOTO DE PESAR N.º 98/XII
PELO FALECIMENTO DE PAULO ROCHA

Faleceu no passado dia 29 de dezembro de 2012, o realizador Paulo Rocha a quem Portugal deve alguns dos mais belos filmes da nossa cinematografia.

Nascido no Porto em 1935, Paulo Soares da Rocha abandonou o curso de Direito para ir estudar cinema em Paris no Institut des Hautes Études Cinématographiques (IDHEC), tendo sido, logo a seguir, assistente de Jean Renoir e Manoel Oliveira.

Estreia-se como realizador em 1963 com *Verdes Anos*, filme sobre os amores adolescentes e trágicos de um jovem provinciano numa Lisboa em mutação, também ela em crescimento, também ela a ter que lidar com uma modernidade que ainda não domina.

Verdes Anos marca o início do Novo Cinema Português. Movimento que conjuga a influência tanto do Néo-Realismo Italiano como da Nouvelle Vague francesa mas que se distingue pela sua carga poética, aqui transmitida pela inesquecível música de Carlos Paredes.

Não se pode no entanto reduzir a obra de Paulo Rocha a um movimento estético e artístico. Como realizador, Paulo Rocha nunca deixou de experimentar novos estilos e géneros mas duas constantes caracterizam a sua obra: a beleza das imagens e a humanidade retratada. Nesse sentido ela aproxima-se do pensamento de um dos seus mestres, Jean Renoir, para quem o propósito da arte cinematográfica é o de *"se aproximar da verdade dos homens e não o de contar histórias cada vez mais surpreendentes."*

E é de Humanidade que fala *Mudar de Vida* em 1965, um segundo filme que vem confirmar o imenso talento de um realizador fora de comum. Os pescadores nele retratados são seres complexos e agitados, seres abandonados pelos deuses que os criaram mas que mantêm a força indomável do mar. Segundo as palavras do próprio Paulo Rocha, eles são os gigantes do mar que o realizador admirava na sua infância: *"Para mim, aquilo era um mundo maior que o mundo das cidades, com aqueles homens ruivos, roucos, gigantescos, que pegavam naqueles rolos de madeira e naqueles remos pesadíssimos como se nada fosse..., gritando juras, insultos, numa cantilena sem fim. A miséria era medonha, com as crianças raquíticas, comidas pelas moscas e pelas pulgas, os pais encharcados de aguardente, mas eu não a queria ver. Eles, os do mar, eram os gigantes, nós, a gente do interior, os anões."*



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Paulo Rocha é também um realizador de atrizes. A ele se deve a revelação da jovem Isabel Ruth que *"parecia uma chama a arder"*, dizia, e uma das atuações mais marcantes no cinema de Maria de Jesus Barroso que convidara pela sua *"coragem moral e física, uma certa integridade combativa, aliada à inteligência e à ausência de auto-piedade que projectava na vida."*

Em 1971 participa na fundação da Escola Piloto para a Formação de Profissionais de Cinema que viria depois a ser a Escola de Cinema.

Em 1973 e 1974, Paulo Rocha dirige o Centro Português de Cinema e entre 1975 e 1983 é adido Cultural da Embaixada de Portugal em Tóquio.

Durante esses anos para além de estudar em profundidade a língua e cultura japonesa, Paulo Rocha dedica-se ao estudo da vida e obra de Venceslau de Moraes. A Ilha dos Amores, presente no Festival de Cannes em 1982, é uma homenagem ao cinema japonês que tanto admirava sob forma de biografia do escritor e militar da Marinha Portuguesa.

Paulo Rocha nunca temeu procurar correspondências entre géneros e sempre procurou com a liberdade dos criadores, encontrar na história respostas para as interrogações do presente.

O filme o Desejado, em 1988, é simultaneamente inspirado em Dit du Genji, clássico da literatura japonesa e uma tomada de posição sobre a evolução política de Portugal, desde a revolução de Abril, passando pela descolonização até à entrada no espaço europeu.

No filme que faz sobre Amadeu de Sousa Cardozo, Paulo Rocha pode, por fim, dar corpo ao que chama de *"contaminação modernista"*, o seu gosto pela *"colagem"* entre materiais diferentes a priori impensável no cinema.

O mesmo acontecendo com Rio do Ouro em 1998. Regressa ao rio Douro e à cidade da sua infância, para nos contar um melodrama e, nas palavras do crítico Mário Jorge Torres, uma *"surreal sinfonia de sons e cores com personagens que voam para, como na pintura de Marc Chagall, unir o real mais violento ao onirismo mais poético"*.

É esta capacidade de concretizar *"o habitar poeticamente a Terra"* defendida por Kenji Mizogushi que tanto admirava, que Paulo Rocha transmite a toda uma nova geração de cineasta portugueses como Pedro Costa, Joaquim Sapinho, João Pedro Rodrigues ou João Salaviza, entre outros.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Paulo Rocha era um espírito livre e rigoroso, tinha um humor mordaz, e como ambição amar a vida - que se confundia com o cinema - até na tragédia que sempre espreita no gesto mais quotidiano.

A Assembleia da República, reunida em plenária, manifesta o seu pesar pelo falecimento de um cineasta maior e apresenta a toda a sua família e amigos as suas sinceras condolências.

Assembleia da República, 4 de janeiro de 2013

Os Deputados

Handwritten list of names and signatures of deputies, organized into two columns. The left column lists names with party affiliations, and the right column contains various signatures and names.

Left Column:

- Al. Loureiro Jacinto
- Nome morto
- F
- Luís Pereira (PCP)
- João Filipe (PCP)
- Carla Emes
- Paulo Soares (BE)
- Carla Marques (BE)

Right Column:

- ... (Inês de Medeiros)
- António ...
- João Jacinto
- ... Higue Jaruzel ...
- ... Manuel ...
- ... Zuzi ...
- ... Vito ...
- ... João ...
- ... João ...
- ... João ...